

O LUGAR DA DISCIPLINA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE SEU SENTIDO E SIGNIFICADO NAS LICENCIATURAS DA FFP/UERJ.

Maria Lucia de Abrantes Fortuna¹

Introduzindo a questão

Saber mais, aprender mais, investigar mais é propósito daqueles que, em contato com sua incompletude, encaram as experiências no movimento da história, isto é, aceitando-as no seu traço característico de provisoriedade e inacabamento. Foi com esta crença, que, durante os anos de 2000, 2001 e 2002 foi realizado, como trabalho de Monitoria na disciplina de Prática Pedagógica (I e II), oferecida às licenciaturas da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Uerj, um exercício de investigação sobre o lugar que este campo disciplinar vem ocupando na formação de professores nesta Unidade. Para tanto se fez um levantamento sobre sua história na FFP, coleta de informações através da observação de aulas, de entrevistas semi-estruturadas a alunos e professores, aplicação de questionário a alunos e leitura de textos sobre a formação do professor pesquisador. Tais elementos, articulados com as experiências trazidas pelos envolvidos neste trabalho, favoreceram a localização deste componente curricular na formação do professor. Neste sentido, este esforço envolveu um percurso com questões presentes desde a sua concepção até os dias atuais.

Repensar a identidade desta disciplina pareceu necessário, porque se sabendo das várias mudanças ocorridas em sua prática no transcurso de sua história, ocorreu perguntar em que medida tais modificações estariam influenciando nas dúvidas em relação às suas diferentes concepções e formas de realização. Assim, tal exercício de investigação objetivou:

- levantar, sistematizar e socializar a história da disciplina;
- criar um mecanismo de intercomunicação docente e discente;
- provocar a discussão sobre os objetivos e a proposta da disciplina;

¹ Professora Adjunta do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da UERJ

- instigar a constituição de uma identidade para a disciplina, que a qualifique para a formação docente.

Com base nestas intenções, procedeu-se, a partir do ano de 2000, um levantamento do material existente no Dedu (Departamento de Educação) sobre a Prática Pedagógica para, a partir dele, pensar a disciplina e suas características. Além disso, e estendendo-se para os anos de 2001 e 2002, foram realizadas entrevistas, de caráter semi-aberto, com professores e alunos da disciplina, estudo de textos sobre a formação do professor pesquisador, aplicação de questionários abertos para alunos, assim como visitas às suas salas de aulas para observação das práticas docentes, lembrando que tais observações não tiveram por objetivo avaliá-las, mas observar o trajeto que a disciplina vem adotando conforme a leitura que o professor e o aluno fazem acerca do que consiste o seu conteúdo. Estas observações foram de grande importância para a conclusão deste trabalho, pois a partir das informações recolhidas nas entrevistas e nos questionários foi possível a elaboração deste texto, que pretende oferecer aos professores da Prática Pedagógica uma possibilidade para compreender a disciplina. Importa registrar que a escolha das aulas assistidas não obedeceu nenhum critério prévio, a não ser a disciplina em pauta.

Reflexões a partir da análise documental

Pelos documentos arquivados no Dedu (Departamento de Educação), longe de possuir os traços de hoje, a Prática Pedagógica do início dos anos 80, quando foi introduzida no currículo das licenciaturas da FFP, apresentava outras características. Dividia-se em cinco etapas, que se organizavam em sub-projetos, originários de um projeto maior. Já no primeiro período o aluno começava a cursar a primeira etapa, que se denominava Prática Pedagógica I. Assim iniciava o seu projeto, só terminando no último semestre, com a Prática Pedagógica V. Vale ressaltar que a partir da terceira etapa eram necessários dois períodos para cada uma das etapas.

Além disso, e também para validar esse projeto, a disciplina tinha a função de estágio, uma espécie de "residência", aonde o aluno iria, em cada

fase se aproximando mais do seu campo de estudo, a escola, chegando até a propor soluções aos problemas detectados. Parece que o pressuposto era de, através desta vivência, o aluno poder estabelecer um vínculo maior com a escola e seus alunos, tendo melhor condição de perceber os problemas que permeavam aquele cotidiano.

A primeira etapa resumia-se na elaboração de um diagnóstico interno e externo da realidade escolar em que os alunos se encontravam. Solicitava-se o levantamento da realidade sócio-cultural e econômica da escola em questão, para assim dar início à segunda etapa, que deveria contar com a investigação sobre o ambiente escolar, analisando o local e suas relações.

Com base nos dados levantados nas etapas iniciais, o licenciando iria verificar os motivos que alijam os alunos do ambiente escolar, como também os fatores que interrompem o prosseguimento das relações existentes na escola. O professorando iria observar o trabalho desenvolvido pela escola, sua eficácia e seus problemas. A partir desse ponto, deveria elaborar um projeto que apontasse alternativas de encaminhamento aos problemas detectados, sugerindo e experimentando outras estratégias. Numa última etapa deveria vir a conclusão, que seria por em prática o que foi pensado, discutido e elaborado durante as etapas anteriores.

Com base nestas informações, percebe-se uma sintonia nas várias etapas, que se relacionam umas com as outras. Há um desenvolvimento gradativo do processo de conclusão da Prática Pedagógica, onde cada etapa sugere uma posição a ser adotada pelo aluno-licenciando, que se articula com as demais. Para que todas as etapas pudessem ser concluídas era obrigatório ao aluno, cursar todas elas com o mesmo professor, caso contrário seria anulado os seus créditos anteriores.

Ao final dos anos 80, num segundo momento, a disciplina foi enfatizada como um espaço curricular que oportunizasse a articulação entre teoria e prática, através de uma atividade ligada à docência, formalizada através de um projeto de pesquisa-ação. Neste momento ela foi reduzida para duas etapas, havendo uma ligação entre Prática Pedagógica I (PPI) e Prática Pedagógica II (PPII): só era possível cursar PP II após o aluno ter cursado PP I, com o mesmo professor, ou seja, a Prática Pedagógica II era pós-requisito da Prática Pedagógica I. Assim ocorria porque a proposta de

atividade deveria ser pensada em PPI e realizada em PPII, sob a orientação do mesmo professor, garantindo sua continuidade. Com o progressivo crescimento das matrículas na FFP, embora coerente do ponto de vista pedagógico, os depoimentos informaram que a proposta não significou uma alternativa viável do ponto de vista administrativo, já que os alunos nem sempre tinham o tempo disponível para cursar as matérias no horário determinado no semestre anterior. Posteriormente, o Dedu reformulou esta prática, e nos dias atuais o aluno tem a liberdade de optar com qual professor cursará a PP II, de acordo com sua disponibilidade horária. No entanto, existem professores que continuam orientando seus alunos de PPI, a cursarem na seqüência a disciplina de PPII, estimulando-os a contornar os limites operacionais, argumentando em favor da continuidade da proposta de estudo, em especial quando articulada a um projeto de pesquisa sobre a realidade escolar.

Atualmente, entre os professores que ministram a disciplina, há a convivência de duas orientações: aquela que entende este espaço curricular como oportuno para suscitar a formação do professor pesquisador, e, para tanto, desenvolve em PPI conteúdos de Epistemologia da Educação e de Técnicas de Pesquisa, e em PPII orienta para realização de um pequeno Projeto de Pesquisa; e outra que pensa a disciplina como mais um espaço que busca traduzir as teorias pedagógicas em vivências práticas em sala de aula.

A possibilidade da coexistência dessas propostas se explica porque a disciplina tem como característica ser de ementa aberta, tendo um documento geral que explicita sua conceituação, histórico e dinâmico, onde identifica como finalidade "observar o cotidiano na escola e na sociedade com a intenção de extrair conseqüências teóricas da realidade, no sentido de compreendê-la e situar-se adotando posicionamento crítico dessa realidade."² Desta forma não há uma listagem de bibliografia básica, nem tampouco de conteúdos programáticos pré-estabelecidos para serem trabalhados em sala de aula. Fica a cargo do professor a escolha da linha que pretende seguir, bem como o caráter do curso a ser ministrado. Se por um lado, a liberdade que a disciplina oferece garante ao professor maior

² UERJ/FFP/DEDU. Prática Pedagógica: conceituação e dinâmica. S.Gonçalo/RJ, 1989, mimeo.

autonomia, nem sempre presentes nas demais disciplinas, por outro, por seu caráter ambíguo, corre o risco de poder envolver tudo e nada ao mesmo tempo. Desta forma, por exemplo, há a possibilidade de o professor interpretar o espaço das aulas de Prática Pedagógica como uma extensão de seus projetos de pesquisa, o que, independente da relevância na escolha do objeto, pode não estar articulado com temáticas da educação.

Parece que as transformações que ocorreram na disciplina acabaram por oportunizar uma pluralidade de concepções, mas também uma imprecisão na compreensão, em especial por parte dos alunos, do seu sentido e significado. Permeada por diversas propostas, acaba por confundir o aluno, que não compreende seu objetivo no curso, como se pode constatar nas entrevistas e no questionário respondido por eles.

Conforme dito acima, atualmente a disciplina não se organiza em forma de estágio, nem tampouco se desdobra em cinco etapas, acompanhando todos os períodos da graduação. Resume-se a duas etapas que englobam dois períodos, dividindo-se em PPI e PPII.

A dificuldade de resgatar a história da disciplina não é recente. Constitui-se na principal discussão acerca dela. Essa dificuldade não reside no fato de que sua história não exista, mas porque não é homogênea. Como o próprio documento deixa claro, o trabalho na Prática Pedagógica deve basear-se no cotidiano escolar e da sociedade, na intenção de adotar um posicionamento crítico em relação a essa realidade. A partir desse ponto os professores desenvolvem o trabalho que achar válido, tendo como objetivo a formação do senso crítico nos alunos. Em nenhum documento há uma clara posição de qual seja o objeto da Prática Pedagógica. É a escola? É o aluno? É a sociedade? É a relação de aprendizagem? Estando esta objetivação imprecisa, acaba por gerar uma multiplicidade de interpretações.

Porém, num documento que parece respaldar seu primeiro momento, afirma-se que a PP "deve proporcionar ao estudante um contato real e permanente com o sistema de ensino nas escolas de 1º e 2º graus (hoje, Ensino Básico) e, ainda, com a realidade sócio-cultural da camada social que constitui sua clientela". E mais a frente completa o raciocínio, dizendo: "Supõe-se que esse tipo de prática deverá viabilizar a formação de um docente capaz de buscar permanentemente a adequação da escola à

realidade do aluno das camadas populares, contribuindo desta forma para a sua transformação”.

Esse documento atesta a importância da relação que deve ser estabelecida entre o graduando e o contexto histórico do aluno da Escola Básica, que servirá de campo para a investigação e futura intervenção. Esses argumentos dão suporte à concepção de “estágio” que anteriormente esta disciplina possuía, além da suposição de que inicialmente, esta disciplina ao ser criada, tinha como objetivo proporcionar um relacionamento entre os alunos do magistério e o ambiente escolar, já que futuramente seria este o seu local de trabalho.

O que pensam e fazem os professores da Prática Pedagógica

Num primeiro momento importa deixar claro o caráter relativo deste olhar, que não pretende retratar a verdade, simplesmente porque não há uma verdade única. O investigador não é neutro e por mais que queira não consegue ser. De certo modo a neutralidade não seria interessante para se pensar a realidade pedagógica, já que esta envolve pessoas críticas e complexas.

Cada professor tem sua própria fórmula, sua própria concepção do que é dar aulas e por isso, há que se tomar algumas precauções para evitar que seja feito qualquer tipo de comparação entre eles.

Vale lembrar que este texto não se pretende finalizado, ao contrário, apresenta-se de forma embrionária, o que de certa maneira, será uma condição básica para que o documento adquira sentido. Essa característica fundamental de provisoriedade se deve ao fato de que este escrito não se refere a coisas, mas sim a pessoas que fundam relações a partir do seu cotidiano e dos fatores intrínsecos ao seu convívio. Há que se respeitar também o contexto em que foi elaborado, porque os dados colhidos referem-se a um determinado período, que se apresenta com características únicas, permeadas de ideologias que se evidenciam a partir das relações estabelecidas entre elas. Assim, este trabalho é o registro da etapa de um processo, dado o caráter inconcluso deste tipo de investigação. Assim, com base nas observações das aulas, algumas considerações parecem importantes, já que se faz necessário documentar e relatar aquilo que foi apreendido a partir desta estratégia.

Cada professor, baseando-se na ementa e sob a orientação da coordenadora da disciplina, buscou criar em sala de aula um ambiente próprio, de acordo com a sua maneira de entendê-la buscando uma melhor relação com a turma.

De maneira geral, pode-se perceber que, respeitando as características de cada um, compreenderam o objetivo da disciplina e desenvolveram com a turma o trabalho que consideraram conveniente. Os alunos foram ao campo, ou seja, às escolas, observaram o ambiente e levantaram dados. Mas também discutiram textos e elaboraram projetos. Basicamente em PPI as discussões foram mais presentes, as leituras mais intensas, para que em PPII os alunos já tivessem mais facilidade de montar o seu quadro teórico. Cada professor trabalhou com sua turma de maneira diferente, discutindo textos diversos, tais como: Ética e violência (Marilena Chauí); A ética e seus inimigos (Jurandir Freire); O conhecimento como compreensão do mundo e como fundamento da ação (Luckesi); Pedagogia da autonomia (Paulo Freire); Pesquisa etnográfica no cotidiano escolar (Marli André), entre outros. Alguns professores optaram em mandar os alunos para as escolas ainda em PPI, já que tiveram disponibilidade de tempo. Outros preferiram deixar esta etapa para a Prática Pedagógica II, argumentando que em PP I o importante é discutir textos para dar fundamentação teórica à construção do trabalho, para que em PPII pudessem ir a campo e realizar a pesquisa proposta.

Cada professor tem a sua própria forma de entender a disciplina, e por isso cada um tem um modo de relatá-la. Há quem prefira concebê-la com um espaço onde se permita a troca de informações extraídas da sociedade, uma vez que o campo escolar já se constitui alvo de trabalho na disciplina de Prática de Ensino. Outros acham que a escola é o melhor lugar para a prática de investigação, visto que futuramente este será o local de trabalho da maioria (se já não é). Também porque a escola é por si só rica de questões que podem se transformar em interessantes temas de trabalho, justificando assim o objetivo da disciplina, que é dar condições ao aluno de perceber a escola como um ambiente não inerte, aliando teoria e prática.

Além da relação ímpar que o professor estabelece com a turma, foi possível perceber que a maneira de interpretar a disciplina se distingue criando assim uma identidade plural e de sentido diversificado.

Em geral os professores da disciplina Prática Pedagógica I tentam desenvolver com a turma o objeto a ser estudado e a elaboração de um possível projeto, sendo destacada a importância de buscar este objeto dentro do espaço escolar, visto que estamos em uma faculdade de formação de professores. Inserir os alunos dentro de seu futuro local de trabalho não constitui tarefa das mais fáceis, bem como saber lidar com as diversas reações que esta realidade provoca em cada um.

Quando um professor resolve localizar seu objeto de estudo na sociedade, este tem em mente uma outra proposta de trabalho, geralmente articulada em torno de um eixo temático tal como "violência", "drogas" e outros. Mas parece que a escola, assim como qualquer outro meio social, é composto por seres não virtuais, não inertes e por isso tudo em constantes transformações. Assim, qualquer que seja a opção do professor, parece que não se perde de vista a idéia de que a escola e a sociedade são dimensões complexas, diferentes, mas que se interligam e se integram, sendo uma o complemento da outra, na direção do que indica o documento sobre a disciplina: "numa primeira visão a Prática Pedagógica possui um sentido amplo e percorre todo o fazer pedagógico do professor na sociedade em geral e na escola em particular". E ainda: "nesse sentido, a prática pedagógica envolve todo e qualquer trabalho do professor onde se visualize uma prática profissional possuidora de uma intenção definida enquanto formadora de consciências".³

Assim, apesar da maioria dos professores de PP I escolherem trabalhar com textos que discutem aspectos ligados à epistemologia das ciências sociais, há professores que optam por outra modalidade de trabalho. Segundo o depoimento coletado, o professor desenvolve com a turma dinâmicas criadas a partir de suas experiências em sala de aula, estimulando a criatividade e a interação. Ao final de cada dinâmica, o grupo elege um colega que deve dar a opinião sobre o que achou do trabalho. Não somente um de cada grupo, mas às vezes outros também dão o seu parecer. Na sua

³ Idéias retiradas a partir do documento elaborado por uma comissão do Departamento de Educação sob o título de Prática Pedagógica: Conceituação e Dinâmica, 1989, mimeo.

opinião, os alunos gostam muito de trabalhos desse tipo já que *"dessa forma as aulas não ficam cansativas e nem sentimos a hora passar"*.⁴

Também pode ser constatado que o professor muitas vezes trabalha de acordo com a exigência dos alunos. Desta forma anima-se com uma turma dinâmica, esforçando-se para criar oportunidades únicas com ela, mas também desmotiva-se com aqueles que não correspondem ao mínimo esperado. Em uma das aulas assistidas foi possível perceber que o professor não se sentia estimulado pela turma porque esta não se interessava pelas aulas. A observação foi numa turma de Prática Pedagógica II onde a proposta era trabalhar em torno de um tema único, dividindo-se em subgrupos, com o objetivo de investigar as ramificações do tema. Em outra turma a mesma professora também encontrou alguns problemas, visto os obstáculos a enfrentar para desenvolver projetos já iniciados em PPI. Esses problemas são freqüentes devido a vários motivos. Um primeiro, e que é apontado por esta professora, é a dificuldade de trabalhar com uma turma híbrida, com alunos que cursaram a PPI com diversos professores que percebem a disciplina diferentemente. Conforme seu próprio depoimento: "A disciplina Prática Pedagógica é uma confusão muito grande, pois eu tenho numa turma apenas dois alunos que foram meus, os outros são de cinco professores distintos".

Neste caso, parece que se torna bastante complicado trabalhar com uma turma com essa característica, pois não se consegue, em um curto período, sistematizar com os grupos as propostas trazidas de PP I. Principalmente por este motivo, o campo de estudo para alguns acaba não sendo a escola. Há aqueles que, tendo feito seu projeto em PPI, optam por realizar a pesquisa, integrando alguns colegas que se familiarizam com o assunto, mas que não fizeram o projeto em PPI. Outros decidem por continuar a pesquisa do projeto da monografia. A professora, não muito satisfeita, aceitou as propostas, por temer que nada fosse feito caso não concordasse com os alunos. Sua insatisfação é fruto dos problemas que a disciplina Prática Pedagógica apresenta.

Como pode ser observado, cada professor tem sua própria maneira de trabalho e, mesmo se aproximando uns dos outros, não estabelecem o

⁴ De acordo com o depoimento de uma aluna da turma.

mesmo tipo de relação com a turma. A partir dessas informações, este exercício de pesquisa foi estendido aos alunos, que também fazem parte desta relação, na convicção de que sua participação certamente enriquecerá o trabalho, visto que as informações são diversas, pois tiveram aula com professores distintos. Assim, cada questionário respondido pelos alunos, expressa uma opinião pessoal, de acordo com a percepção própria.

O que pensam os alunos

Foi através de um questionário aberto e de entrevistas semi-estruturadas complementares, que se buscou perceber como os alunos da FFP se relacionam com a disciplina e qual o grau de importância que ela teria em sua formação acadêmica. Para isso, foram propostas quatro perguntas referentes à Prática Pedagógica, possíveis de dar alguns subsídios necessários ao que se pretendia, sendo posteriormente complementadas através das entrevistas.

O questionário foi respondido por uma amostra aleatória proporcional de cinco alunos de cada uma das 13 turmas de Prática Pedagógica II, por ser a que conclui este componente curricular. As entrevistas complementares foram realizadas com alunos tanto de PPI quanto de PPII, priorizando o caráter informal das mesmas, com vistas a esclarecer pontos de dúvida deixados pelos questionários.

O aluno, por mais que não se dê conta disso, é o principal envolvido nas relações estabelecidas com o professor e, embora não dispense muita dedicação às matérias de educação, parece que esta tem fundamental importância para sua formação, já que será pretensamente um professor. De início, ao serem solicitados a responderem o questionário, alguns dos alunos não se mostraram muito disponíveis, alegando que não gostavam muito das disciplinas de educação, fato que pode estar indicando a possível desconexão que há entre as disciplinas obrigatórias do currículo específico de seu campo de conhecimento, com as disciplinas pedagógicas necessárias à formação docente.

De maneira geral, pelas respostas obtidas, parece que há um reconhecimento por parte de alguns discentes sobre o lugar que ocupa esta disciplina na formação do professor. Não somente pelo fato de proporcionar

uma discussão maior acerca da elaboração de projetos de pesquisa e sua execução no interior da prática docente, mas também por proporcionar espaço para debates e questionamentos acerca da educação e das escolas, públicas em especial. No entanto, também parece ser consenso que o aprendizado sobre a elaboração de um projeto é importante, porém compreender onde se pretende chegar com ele tem sido tarefa mais delicada e difícil.

Assim, como primeira questão buscou-se saber como os alunos percebiam a disciplina. As respostas foram variadas, porém com sentidos correlatos. Conforme já dito, alguns afirmam ser esta disciplina muito importante para a formação, já que dá suporte para a pesquisa. Outros acham que é uma aula geradora de conhecimentos, que ocorrem através de debates referentes ao cotidiano. Porém há ainda alunos que não entendem o seu significado, não conseguindo perceber como poderá fazer uso da disciplina em seu cotidiano, conforme depoimento de uma aluna: *"Eu ainda não percebo como ela vai ser usada no meu dia-a-dia em sala de aula"*, ou: *"ainda não utilizei em sala de aula"*.

Talvez, esta variedade de percepção acerca da disciplina se deva ao fato da multiplicidade de propostas ocorridas no interior dela, conforme pode-se perceber pelos depoimentos de seus diferentes docentes. Como a proposta pode variar de acordo com o professor, o aluno poder não estar identificando o objetivo da disciplina para sua formação, caracterizando-a como confusa: *"A disciplina está meio confusa. Nós alunos, não temos ainda noção do que realmente deve ser estudado nela. Não sabemos ainda realmente, o que é a disciplina e para que ela serve..."*

Outros alunos entendem a disciplina Prática Pedagógica como aquela responsável por "ensinar" ao aluno como fazer um projeto de pesquisa, para posterior execução deste. Segundo alguns depoimentos, *"Prática Pedagógica é uma disciplina capaz de levar o aluno a compreender a importância da elaboração de um projeto"*. Neste particular há que se esclarecer a especificidade e diferença de objetivos entre esta disciplina e aquelas responsáveis pela realização do trabalho monográfico de finais de curso.

Em segundo lugar houve uma investigação sobre os conteúdos abordados em PPI e as respostas também foram diversas: cada um falou o

que foi trabalhado em sua turma. Segundo os depoimentos, cada professor explorou o que achou conveniente e trabalhou como achou adequado. Alguns preferiram gerar debates a partir de textos e indagações, outras dinâmicas de grupo e seminários. Dentre estes, houve aqueles que optaram por realizar visitas às escolas já em PPI. Alegam ser esse procedimento bastante relevante, pois favorece a confecção do projeto, já que o aluno poderá desenvolvê-lo melhor, quando tem uma noção da realidade escolar que irá investigar. Mesmo assim, constata-se, pelos depoimentos, que a PPI priorizou a parte teórica para dar suporte ao projeto a ser desenvolvido em PPII.

Também foi solicitado aos alunos sua apreciação sobre o curso expressando sua opinião sobre as aulas de Prática Pedagógica. Todos responderam terem ficado satisfeitos com o curso, argumentando que as aulas não se resumiram à discussões teóricas, mas aliando-se à prática e diversificando o trabalho. Alguns, conforme já foi dito, acharam válido a disciplina, por relacionarem-na com a elaboração da monografia, evidenciando o caráter confuso que às vezes esta disciplina pode adquirir.

No item sobre sugestões, a maioria propôs que fosse dispensado maior atenção à parte prática, fazendo justiça ao nome da disciplina, conforme pode ser atestado numa das sugestões: *"Que não ficássemos somente lendo textos e fizéssemos " jus" ao nome da disciplina."* Outros pensam que os trabalhos deveriam ser de acordo com os campos de conhecimento específico de sua formação docente e não necessariamente em educação. Ainda sugeriram como mecanismo de integração entre professor e aluno, que os textos a serem trabalhados em sala de aula fossem escolhidos pelos alunos, em acordo com os professores. Também foi sugerido que as visitas nas escolas se tornassem mais freqüentes; que as aulas tenham mais tempo, isto é, que os horários destinados à pesquisa de campo sejam previstos nos dias da semana e não aos sábados, e que os professores sejam os mesmos, de PPI e PPII, sendo obrigatório ao aluno também proceder desta maneira, ou seja, retomar à prática do "pós-requisito".

Um dos pontos importantes, dentre outros, que foi se revelando neste trabalho, especialmente entre os alunos de História e Geografia, é que o sentido da disciplina Prática Pedagógica está se confundindo com o

da monografia de final de curso. Ambas, apesar de envolverem aspectos semelhantes, como elaboração de um projeto com justificativa, objetivos, procedimentos, hipóteses e referencial teórico, não correspondem a uma mesma lógica. Em Prática Pedagógica, disciplina de caráter formativo, o objetivo principal é relacionar teoria e prática, através de uma proposta pedagógica, que pode ser investigativa, onde o futuro professor possa conceber essa docência como uma forma de trabalho que envolva um comprometimento com a criação e a interrogação de sua prática e do cotidiano escolar onde ela se dará.

De certa forma, parece que a compreensão do aluno acerca do que consiste a Prática Pedagógica é fruto da diversidade das propostas presentes na FFP em relação a uma única disciplina. Cada professor trabalha do modo como lhe parece adequado e isso ocasiona uma série de interpretações distintas por parte dos alunos.

Para concluir abrindo

De certo modo verifica-se que a história da disciplina envolve três momentos decisivos e característicos: a fase inicial, com cinco etapas, definindo-se como um estágio supervisionado na escola, futuro campo de trabalho do aluno; a fase seguinte, com uma proposta de articular a relação teoria e prática através de um projeto, onde a intencionalidade da pesquisa não se apresentava de forma expressa; e a terceira fase, que se anuncia ainda de forma variável, envolvendo uma proposta de investigação no campo da educação, inspirada na perspectiva da formação do professor-pesquisador-autor. Esta transformação não aconteceu de uma hora para outra, mas em consequência da interpretação dada por alguns, ao documento já citado, quando, por exemplo, diz que "A Prática Pedagógica deverá caracterizar-se como um projeto a ser desenvolvido em horário desvinculado do quadro de horários das demais disciplinas".

Enfim, qual é o caráter da disciplina? Oportunizar vivências variadas de construção de um saber pedagógico crítico e criativo, comprometido com a realidade, mas não necessariamente formalizado na modalidade de pesquisa? Formar profissionais capazes de através de seu olhar investigativo, perceber que seu campo de trabalho não é inerte, mas ao contrário, suscita questões que implicam uma consciência de pesquisa

permanente, justificando por isso, a presença da pesquisa formalizada como procedimento indicado para o desenvolvimento da disciplina? A convivência dessas opções compromete a identidade da disciplina?

Diante disso, percebemos que a Prática Pedagógica aponta para uma definição, visto o reconhecimento sobre a importância que esta vem adquirindo nos cursos. Parece que atualmente os docentes e discentes dos cursos de licenciatura da FFP, realizam a disciplina de Prática Pedagógica como um campo curricular onde se acredita poder constituir um espaço de discussão, reflexão e lapidação do olhar investigativo, do olhar do pesquisador, ou seja, da formação do docente que pesquisa e investiga a sua prática docente, suas problemáticas, tentando internalizar a crença numa formação docente em permanente construção, num professor que possa assumir uma atitude de interrogação permanente sobre sua prática pedagógica na escola, pois será através dela que intermediará a produção e a apropriação, crítica ou não, dos conteúdos historicamente acumulados.

Mas, coerente com o caráter continuado da formação docente, este texto não pretende fechar as discussões em torno da disciplina, mas sim torná-la mais uma ferramenta para a permanente reflexão sobre a "Pesquisa da Prática Pedagógica", tanto enquanto uma disciplina nos cursos de formação de professores, quanto como uma posição a ser adotada pelos docentes diante de sua prática, no concreto e sempre contraditório cotidiano escolar.

Referências Bibliográficas:

ANDRÉ, Marli Eliza & OLIVEIRA, Maria Rita et al. *Alternativas do ensino de didática*. Campinas/SP: Papirus, 1997. 143p.

BARBOSA, Joaquim et al. *Reflexões em torno da multireferencialidade*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 1998. 126p.

BRANDÃO, Zaia. *Pesquisa em Educação: conversas com pós-graduandos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. 148p.

EZPELETA, Justa & ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa Participante*. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1989. 93p.

FAZENDA, Inani et al. *Metodologia da Pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989. 143p.

FERREIRA, Sergio Pereira. *Relatório de monitoria em Prática Pedagógica*. São Gonçalo, 2002. Relatório de monitoria (Graduação – Prática Pedagógica). Departamento de Educação, Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 6p.

FORTUNA, Maria Lucia de Abrantes. *Gestão escolar e subjetividade*. São Paulo, SP: Xamã; Niterói, RJ: Intertexto, 2000. 147p.

GERALDI, Corinta Maria et all. *Cartografia do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)*. Campinas/SP: mercado de Letras: ALB, 1998. 335p.

PINTO, Paula Esteves. *Nova perspectiva da disciplina Prática Pedagógica: a formação do professor-pesquisador*. São Gonçalo, 2001. Relatório de monitoria (Graduação – Prática Pedagógica). Departamento de Educação, Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 12p.

NEVES, Daniela Oliveira das. *A disciplina de Prática Pedagógica na FFP/UERJ: uma investigação sobre seu sentido e significado nas licenciaturas*. São Gonçalo, 2000. Relatório de monitoria (Graduação – Prática Pedagógica). Departamento de Educação, Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 14p.

SOUZA, Maria Cecília Minayo et alli. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994. 80p.

THOMPSON, P. (1992). *A voz do passado: história oral*. (L. L Oliveira, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. 385p.